



## CAMPEONATO NACIONAL E TAÇA DE PORTUGAL 2017

### PROVA Nº 10 (PARTE I)

#### O ÚLTIMO BEIJO?

Autor: M. Constantino

Noite gélida e ventosa – que o crime desconhece meteorologia. O alarme deu-se às 22.34 minutos. Dezassete minutos após, o piquete estava junto aos carros patrulha. Dum deles saiu o médico legista – caso raro de perfeita coordenação! O agente apontou o 1º andar. “Luz & Luz”, comerciantes, propriedade do irmão mais novo, Lúcio, do filho Dário e de Pedro, filho do falecido Luz. Lúcio, vítima recente de atropelamento e fuga, considerada tentativa de homicídio, dependia de uma bengala de carvalho argolada. Prejuízos e roubos na firma abreviavam o regresso à gerência. Constam sérias zangas com Dário, acusado de “não ser seu filho”, “falta de visão negocial”, “só é bom na raquete e com as duas mãos”, factos que favoreciam o sobrinho!

À porta fechada do 1º andar, um outro agente aguardava. Pedro, que dera o alarme, interrompeu o passeio nervoso, abafado pelo comprido cachecol, bradou: “Estão mortos! Mataram-se um ao outro e...” Interrompi. Pedi ao agente que o levasse para outra sala. Trocadas luvas pelas de látex, entrei seguido do legista e do meu parceiro Rui. Dois homens jaziam estendidos no soalho. Lúcio, de costas, fora atingido em pleno peito com metade de uma tesoura de cerca de 25 centímetros. O sangue escuro coagulava na camisa e numa mancha no chão. Na lividez da face direita sobressaía o batom vermelho de uns lábios: um último beijo? Dário, de bruços, na frente, braços estendidos, mão direita enluvada, uma ferida na testa. Entre ambos, com a ponta de apoio perto da mão de Lúcio, a pesada bengala. Tirámos fotos, enquanto o legista cortava a camisa e expunha a ferida. Depois de extrair a arma, declarou com competência: “Espuma e sangue nos cantos da oca, a lâmina resvalou entre as costelas, de certeza perfurou o coração – fatal!” Aproximou-se de Dário e gritou: “Uma ambulância! Urgente ou perdemo-lo!” Dia de milagres, dir-se-ia. Ao removerem o ferido caiu-lhe da mão esquerda um molho de chaves, entre as quais a da porta, unidas por uma chave de prata onde se lia “Dário S. Luz, Doador universal”. Cliché mental: Lúcio, também ele doador, “um dos puros”, fazia notar que na raça branca o seu tipo de sangue é apenas de 5%, convenceu Dário a ser um deles. Aí este conheceu a namorada, Ema, agora noiva, ou melhor ex-noiva da vítima viúvo, elegante, rico. Razão das zangas? Provável. Debrucei-me sobre o morto. Notei que a marca do beijo estava ao contrário, isto é, como se fosse beijado de cima para baixo, facto que contraria a lógica. Dos bolsos retirei uma ponta de uma folha de contas, que deduzi fora arrancada à força, mas não encontrei a parte restante. Fixei o armário junto à entrada, de portas sólidas escancaradas e o conteúdo empilhado no chão: folhas de clientes numeradas, com algumas faltas. Rui informou que os móveis, secretária, telefone estavam limpos de digitais e não sabia como foram limpos,

pois as toalhas e panos de limpeza não tinham vestígios de uso. O computador fora violado. Sugeri à directoria o envio de peritos informáticos e de contabilidade. A bengala e a arma seguiram para o laboratório. Subitamente a janela da esquerda abriu-se. Fui fechá-la, mas estaquei: um pingo de sangue oblongo, recente, jazia entre o corpo e a janela, distante de ambos, vinha desafiar-me o raciocínio. Indiquei-o a Rui para assinalar e enviar para análise. Fechei a janela depois de olhar a viela ventosa. A sala voltou à amena temperatura anterior. O corpo foi enviado para autópsia. Selei a porta e fui ao encontro de Pedro que tremia. O meu parceiro voltou: com a lanterna A.L.S. de raios ultravioletas, percorreu o corpo do rapaz, concluindo: “sem vestígios incriminatórios”. Lembrei-me para providenciar as buscas na roupa de Dário e voltei-me para Pedro. Relatou que o tio marcara uma reunião para as 22h mas, por dificuldades de estacionamento chegou minutos depois das 22.30h. Viu os sócios caídos, depreendendo imediatamente que se agrediram e mataram um ao outro. Não perdeu tempo, ligou ao 112 e correu para baixo. “Não, não mexi em nada” ... “o polícia nem chegou a entrar, da porta telefonou logo” ... “sim, ele e o primo utilizavam o computador”. Rui levou o rapaz para o carro a fim de passar o depoimento a escrito. O polícia que havia confirmado a sua condução no caso, falou com o colega e comunicou-me que no decorrer da ronda haviam visto o carro de D. Ema parado à porta aberta do prédio do escritório, sinalizado mas sem ninguém dentro. Eram 21,45h. Eis um elo de ligação muito a propósito. Voltámos à PJ e solicitei a Rui para convocar Ema, para depoimento. Abri o computador. Liguei ao Hospital cerca das 3.30h, chefe da equipa médica de serviço, elucidou-me: “Fractura sem lesão do cérebro, ruptura de uma veia temporal, com derrame – teve sorte, o osso frontal diminuiu o impacto. Nada de interrogatórios, não se lembra de nada ... facto que pode ser físico ou psíquico... Há que aguardar...” Voltei ao computador.

Acordei estremunhado com o telefone... “porra adormecera!” Era o legista: “Certo o diagnóstico adiantado. Hora da morte 21.30/22.30. Segue relatório.” Olhei o relógio: 10.35h. Em cima da mesa, um copo de café frio, dois jornais do dia abordavam o caso; “Crime Passional?” “Parricídio?”. Um bilhete de Rui: “Sonhos coloridos”; vou buscar a dama para depoimento. Fui a casa retemperar-me com um banho e café. Pus hipóteses, eliminei conjecturas. Precisava de verificar algo para justificar outro algo! Aproveitei o regresso ao serviço para passar na viela junto aos escritório dos Luz. Percorri-a, o vento deixara bocados de papel de jornal, mas nada de interesse.

Na PJ, sobre a secretária encontrei um fax do laboratório: “exame da gota de sangue com o da arma/esta sem impressões digitais/são exclusivamente da vítima as da bengala em cujo extremo anterior da argola detectamos um pouco de pele do frontal, no interior e início da curvatura da bengala revelou quatro cabelos de 0,5 cm/ confirmamos em relatório próprio”; um memorando de serviço de Rui: “pesquisas vestes de Dário e Ema, negativos; junto depoimento desta última”. Do depoimento extraí: “esperava por Lúcio à saída do trabalho e foram jantar após o que ele dormitara numa poltrona enquanto refazia a maquilhagem, depois levou-o ao escritório. Não saiu do carro, lembra-se de se ter escondido debaixo do volante quando uns faróis nos máximos se aproximaram devagar. Às 22h estava na associação de voluntários.”

Voltara à estaca zero. Ou não? Esperem, os acontecimentos começaram a desenhar-se.

Quando o director me convocou para uma conferência às 15.30h, tinha “o dedo no gatilho para disparar certo” com argumentos justificativos.

E vós, leitores?